

PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDENCIA

DA GUINE E CABO VERDE



Bureau de Dakar

M A N I F E S T O

A propósito das medidas adoptadas pelo Governo Senegalês
sobre a situação dos emigrantes caboverdeanos.

AOS CABOVERDEANOS RESIDENTES NA REPÚBLICA DO SENEGAL E NOUTROS PAISES AFRICANOS

Caros irmãos africanos

Há um ditado africano muito usado em Cabo Verde e na Guiné que diz assim: "Mó, pã mãe quê é grandí, é cã tâ tâpa céu". Isto vem a propósito da situação dos colonialistas portugueses.

Na verdade, os colonialistas portugueses, surpreendidos diante do movimento geral de libertação da África, em particular das suas colónias lançaram e lançam mão de todos os meios para tentar esconder a verdade nas nossas terras africanas, para tentar sabotar e ganhar a vontade de libertação dos nossos povos. Mentiras, propaganda, suborno, falsas reformas, fomento de divisões entre africanos, repressão, (prisoões, massacres, assassinatos), guerra colonial - de tudo os colonialistas portugueses se serviram e se estão servindo para matar o movimento de libertação nas suas colónias, em particular na Guiné e em Cabo Verde. Mas em verdade nestas duas colónias, os colonialistas portugueses usaram ainda com grande esperança e muitas ilusões mais um meio: o seu consulado de Dakar.

Toda a gente sabe que o cônsul português em Dakar tinha como principal, se não o único trabalho a missão de fazer tudo para acabar com a luta de libertação em Cabo Verde e na Guiné. Nesse sentido, fomentou divisões entre a nossa gente, comprou a consciência de muitos, conseguiu fazer vários traidores, criou um "centro cultural", inventou falsos movimentos nacionalistas; fez em vão os maiores esforços e grandes despesas para destruir o nosso partido no interior das nossas terras e a partir de Dakar denunciou os nacionalistas à PIDE, estabeleceu uma rede de espionagem em Dakar, usou e abusou das suas regalias diplomáticas contra os interesses do nosso povo e da nossa luta. Em suma, mandou vir uma trupe musical de Cabo Verde, enviou falsos delegados aos nossos países, organizou uma romagem de católicos caboverdeanos a Fátima, estava preparando a excursão de um grupo teatral a Cabo Verde, etc., etc. Claro que se o cônsul português conseguiu fazer muita coisa foi porque houve guineenses e caboverdeanos que se deixaram iludir pelas suas promessas e mentiras.

Mas o consul português assim como os seus patrões colonialistas não conseguiu realizar os seus intentos. As suas mãos sujas dos crimes cometidos pelos colonialistas nas nossas terras não conseguiram, nem mesmo conseguiriam nunca, tapar o céu - esconder a verdade indestrutível da nossa luta de libertação nacional, parar a marcha gloriosa do nosso partido.

Mas pondo em prática as decisões tomadas pelos chefes dos Estados africanos na Conferência de Addis-Abeba, o Governo da República do Senegal acaba de pôr um ponto final na actividade criminosa e anti-africana do consulado português de Dakar, que já está fechado. O consul **foi-se** embora.

Nós, africanos, só temos por isso razões para estar contentes porque o fim do consulado português de Dakar e a expulsão do seu consul representam uma vitória da nossa luta de libertação nacional, é uma derrota vergonhosa para os colonialistas portugueses. Temos no entanto de reconhecer que os emigrados da Guiné e Cabo Verde residentes no Senegal, em particular para aqueles que eram considerados "cidadãos portugueses" enfrentam agora uma situação nova. E enfrentar uma situação nova é, na vida de todos os seres humanos, um motivo para preocupação, mesmo quando se trata de uma mudança para melhor.

Para acabar com as preocupações é preciso esclarecer, pôr as coisas no seu devido lugar. O objectivo deste documento que dirigimos em particular aos caboverdeanos residentes no Senegal é o de esclarecer a situação nova que enfrentam. Para isso: vamos tentar responder a algumas perguntas que por certo estão presentes no vosso espirito seja qual for a posição de cada um de vocês diante da nossa luta de libertação.

1 - PORQUE EMIGRAM OS CABOVERDEANOS:

Com excepção da gente rica que pode passear e gozar o mundo, ninguém gosta de abandonar a sua terra, a sua família, para viver noutra terra, mesmo na terra dos seus irmãos. O caboverdeano emigra ou é forçado a emigrar, como toda a gente sabe, porque não encontra na sua própria terra as oportunidades e a liberdade para desenvolver a sua iniciativa e a sua personalidade, porque, como todos os homens, aspira ao progresso e ao bem-estar que não tem na sua terra, dominada por estrangeiros. O caboverdeano emigra para fugir ao sofrimento e à fome, para conquistar, pela força do trabalho que é tão pouco na sua terra, o direito a uma vida decente, a um salário justo, ao pão, à educação dos seus filhos, ao respeito pela sua dignidade. O caboverdeano emigra no sonho ou na ilusão, raras vezes transformado em realidade, de conseguir os meios suficientes para voltar à sua terra que tanto ama e al poder construir uma vida de paz e de progresso para a sua família.

Porque, na realidade, o maior drama do caboverdeano que tem de emigrar, é o desejo de querer ficar na sua terra e ter de partir.

Vê-se, portanto, que a razão principal da emigração do caboverdeano, é a sua legitima aspiração à liberdade, à paz, ao progresso e à felicidade na sua própria terra.

2 - PORQUE É QUE O EMIGRADO CABOVERDEANO ACÉITOU, EM GERAL, SER "CIDADÃO PORTUGUÊS".

Toda a gente sabe que nunca foi permitido ao povo caboverdeano decidir livremente se ele quer ou não quer ser português. Toda a gente sabe ainda que,

em Cabo Verde, nenhum caboverdeano, nem mesmo os que têm melhores condições de vida, se considera português. Basta lembrar que é considerado vaidoso, cheio de manias, fiteiro, etc., o caboverdeano que fala Português de preferência ao crioulo. Basta lembrar que o "mondrongo", o "tuga", etc., são alcunhas de desprestígio do português em Cabo Verde. Basta lembrar as rixas e os incidentes tão frequentes entre os caboverdeanos e os "mondrongs", entre a gente do povo e os soldados portugueses principalmente quando há uma confrontação como um desafio de futebol. Não, em Cabo Verde, o caboverdeano nunca se considerou nem se considera português. Nem admite essa alcunha.

Para sair de Cabo Verde, para emigrar, como para poder residir numa terra estrangeira, o caboverdeano precisa de um documento de identidade com valor internacional. Mas como Cabo Verde não é um país independente, mas está submetido à "soberania portuguesa", esse documento só pode ser português.

No caso particular dos caboverdeanos emigrados para o Senegal, é preciso lembrar que quando essa emigração começou a aumentar, legalmente ou clandestinamente, os africanos do Senegal, mais precisamente de Dakar, eram considerados "cidadãos franceses". O emigrante caboverdeano, ao chegar ao Senegal, tinha necessidade de se tornar português, não só para garantir a posse dum documento de identidade que lhe permitisse ter uma vida legal, ter trabalho e todas as regalias do cidadão, mas também para se sentir igual ao seu irmão africano do Senegal que era cidadão francês e hoje é cidadão senegalês, para ter uma cidadania como ele e não ser um indivíduo sem nacionalidade.

Vê-se, portanto, que a razão principal que levou o caboverdeano a transformar-se em português no Senegal é, por um lado, a falta de nacionalidade própria válida no plano internacional, quer dizer, é o facto de Cabo Verde ser uma colónia de Portugal e o caboverdeano estar sujeito à soberania portuguesa; é, por outro lado, a legítima aspiração do homem caboverdeano a ter uma nacionalidade, a ser um cidadão, a ter trabalho e todas as regalias que esta condição lhe pode dar. No fundo, o caboverdeano foi forçado a virar português para realizar as suas aspirações à paz, ao progresso e à felicidade que sonha e deseja para a sua própria terra.

**3 - PORQUE E QUE MUITOS CABOVERDEANOS TEIMAVAM EM SER PORTUGUESES
E ALGUNS DELES CHEGARAM MESMO A FAZER O JOGO DO CONSUL PORTU-
GUES DE DAKAR.**

Ninguém ignora que o que se está a passar em Africa - o movimento geral e actual de libertação nacional - é uma coisa nova na história dos nossos povos. Na verdade, durante um número maior ou menor de anos e até de séculos, todos os povos africanos, com excepção do da Etiópia, estiveram sujeitos à dominação colonial e estrangeira. Além de muitos outros males que cause, a dominação colonial e estrangeira cria complexos no espírito dos dominados. Em particular, como todos os homens aspiram a viver e a viver sempre melhor, muitos africanos adquiriram um complexo de inferioridade e cada um deles procurou adaptar-se às exigências e manobras do colonizador, para garantir a sua própria sobrevivência e a da sua família. Esta necessi-

dade de adaptação é tanto maior quanto menos meios de defesa tem uma pessoa: ela é, por exemplo, muito grande, quando essa pessoa está num meio diferente do seu.

Assim, não foi apenas o caboverdeano que se transformou em português fora da sua terra. Os antilhanos e dahomenses fizeram-se franceses, os indianos e os cipriotas (da ilha de Chipre, hoje independente) fizeram-se ingleses, muitos indonésios se fizeram holandeses, etc., etc.. Mas há mais: mesmo dentro das suas terras, muitos africanos dominados por um complexo de inferioridade, preferiram a nacionalidade do estrangeiro que os dominava. Basta dizer, por exemplo, que por ocasião do referendun que abriu caminho à independência das antigas colônias francesas em Africa (Senegal, Guiné, etc.) muitos africanos votaram, consciente ou inconscientemente pela manutenção da cidadania francesa, contra o fim da dominação colonial.

Diante do movimento geral de libertação da Africa da conquista da independência por muitos povos africanos, a coisa mudou e continua a mudar. Hoje são raros os africanos que ainda se consideram franceses ou ingleses ou portugueses. A pouco e pouco, têm perdido o complexo de inferioridade. E a maior vitória dum homem cujo país é dominado pelo estrangeiro, consiste em libertar-se do seu complexo de inferioridade.

Não admira portanto que muitos caboverdeanos, na sua terra, se ofendam se fossem considerados portugueses, teimando no Senegal em ser portugueses. Animados de um complexo de inferioridade, esses caboverdeanos não faziam mais do que adaptar-se às circunstâncias, defendendo as possibilidades de vida que lhe garantem a "cidadania portuguesa". Como o consul português em Dakar é que tinha essa garantia nas mãos, podendo dispor dela como bem entendesse, também se compreende facilmente porque é que alguns caboverdeanos chegaram mesmo a fazer o jogo do consul, serviram os interesses e a propaganda dos colonialistas portugueses, denunciando os seus irmãos, participando do chamado Centro Cultural Caboverdeano e em festas portuguesas chegando mesmo a fazer uma romagem a Fátima (Portugal). Ao agir assim, esses caboverdeanos só pensaram nos seus próprios interesses, no seu prazer e bem-estar, na sua barriga e na dos seus. Não se lembraram da situação em que se encontra o seu povo.

Claro que, com a expulsão do consul português e com as garantias dadas pelo Governo da República do Senegal a todos os africanos emigrados das colônias portuguesas, nenhum caboverdeano, assim como nenhum guineense, tem mais a necessidade de fingir que é português, muito menos de servir os interesses e a propaganda dos colonialistas portugueses.

Vê-se portanto que a teimosia de certos caboverdeanos em passar por portugueses ou em servir os colonialistas portugueses não era mais do que o reflexo dum complexo de inferioridade, uma manifestação errada ou egoísta nas suas aspirações a uma vida de paz, de progresso e de felicidade que no fundo sonha e deseja para a sua própria terra.

4 - PORQUE E QUE JA NENHUM CABOVERDEANO RESIDENTE NA REPUBLICA DO SENEGAL PRECISA DE FINGIR QUE E PORTUGUES.

A razão é bem clara. Porque a vida e o destino dos caboverdeanos, como de todos os emigrados das colónias portuguesas residentes no Senegal, já não está nas mãos do consul português. O caboverdeano residente no Senegal libertou-se dum peso-delo, pode mesmo dizer-se que é dos primeiros filhos de Cabo Verde livres do jugo colonial. Claro que o Governo Senegalês que o ajuda a conquistar esta nova situação tomará por certo medidas adequadas para que cada emigrado de Cabo Verde seja legalmente um caboverdeano.

O nosso Partido - o PAIGC - tem-se interessado por esse problema e tudo fará para que os guineenses e caboverdeanos residentes no Senegal e respeitadores das leis senegalesas, continuem normalmente a sua vida de emigrados num país irmão.

Eis portanto a razão principal porque ninguém precisa mais de fingir que é português: porque a nossa luta de libertação nacional é um facto, porque existe o nosso Partido, uma organização sólida, estruturada e implantada no interior da Guiné e de Cabo Verde, representada devidamente no exterior, corajosamente dedicado à luta de libertação do nosso povo, que conduzirá à independência nacional por todos os meios necessários.

Porque, como africanos, os caboverdeanos têm a solidariedade activa do Governo Senegalês, e têm o direito a uma nacionalidade própria que só a luta de libertação nacional lhes pode garantir, no caminho seguro da independência, para a construção de uma vida de paz, de progresso e de felicidade em Cabo Verde.

Vê-se portanto que o caboverdeano emigrado pode e deve ser caboverdeano, porque existe um movimento activo - o nosso Partido - que tem trabalhado e que trabalhará até à vitória final, pela libertação nacional do povo de Cabo Verde e da Guiné, e para a realização das legítimas aspirações dum povo a uma vida de paz, de progresso e de felicidade.

5 - PORQUE E QUE OS CABOVERDEANOS SAO AFRICANOS:

Esta é, evidentemente, uma pergunta sem pés nem cabeça. Mas só a incluímos aqui, porque, quando se esclarece qualquer problema, é bom esclarecer todos os aspectos desse problema, em particular os aspectos que constituem o fundo da questão.

Claro que isto é o fundo da questão, porque se o caboverdeano não fosse africano não estaríamos aqui a dirigir-lhes estas palavras, o nosso Partido nem se preocuparia com eles, como não se preocupa com o português residente em Portugal, com os franceses, os argentinos ou os japoneses. Seriam europeus, americanos ou asiáticos, e a nossa organização é um partido africano. Seriam, por certo, cidadãos de país independente e soberano, e o nosso Partido luta pela independência e pela soberania nacional da Guiné e Cabo Verde.

Dixam-nosde histórias: toda a gente sabe que os caboverdeanos, negros, mestiços ou de pele branca, são africanos duma colónia africana de Portugal.

Para aqueles que porventura não saibam onde fica Cabo Verde, basta que olhem bem para um mapa. Para aqueles que não conhecem Cabo Verde, basta dizer-lhes que a sua população é constituída de 97% de negros e mestiços e apenas de 3% de gente de cor branca, incluindo os europeus. Para aqueles que não se lembram do que é o colonialismo português e qual é a situação política e jurídica de Cabo Verde, basta lembrar-lhes que o povo caboverdeano nunca elegeu os seus dirigentes, que o dirigente supremo de Cabo Verde nunca foi um caboverdeano e que toda a vida económica está anfeudada, quer dizer, submetida aos interesses económicos de Portugal.

Mas não é demais lembrar que a população de Cabo Verde é quase fundamentalmente de escravos levados da Guiné e da costa ocidental africana. Que nos primeiros tempos, a grande aspiração do habitante de Cabo Verde era regressar à sua terra de origem, a África. Que hoje a grande maioria, para não dizer a totalidade do povo caboverdeano está consciente que é africano e que o seu destino é o da África.

Alguns, esquecendo ou ignorando como se formou o povo de Cabo Verde, acham que Cabo Verde não é África, porque tem muitos mestiços. Esses não sabem, por exemplo, que na África do Sul há muito mais mestiços que em Cabo Verde e que Angola e Moçambique juntos têm tantos mestiços como Cabo Verde e nem por isso esses países deixam de ser africanos. É bom afirmar sem rodeios, que mesmo que em Cabo Verde houvesse uma população nativa cuja maioria tivesse pele branca como acontece nos países da África do Norte (Argélia, Marrocos, Tunísia, etc.) os caboverdeanos não deixariam de ser africanos.

Como africanos, os caboverdeanos têm vivido durante séculos sob o regime colonial de Portugal, submetidos à miséria, à exploração, ao sofrimento, e mais do que qualquer outro povo das colónias portuguesas, à fome.

É como africanos que os caboverdeanos tanto os que estão em Cabo Verde como os que vivem no exterior, se erguem hoje cheios de esperança para no quadro da nossa luta de libertação nacional, sob a direcção do nosso Partido, reivindicam o direito a ter uma pátria livre e independente para nela encontrarem a paz, o progresso e a felicidade a que legitimamente todos aspiramos.

6 - PORQUE É QUE OS VERDADEIROS NACIONALISTAS DEVEM SABER COMPREENDER

Entre os caboverdeanos e guineenses residentes no Senegal e que sempre se consideraram nacionalistas, não faltará quem pense assim "Agora que o cônsul português foi expulso, mal vão aqueles patricios que se diziam portugueses e que chegaram a servir as manobras do consulado. Nós os nacionalistas, vamos fazer-lhes a vida da cara".

Esta maneira de pensar não é a do verdadeiro nacionalista. É, isso sim, duma pessoa que fez da luta de libertação nacional do seu povo uma questão doméstica, uma coisa da sua casa, ou uma questão pessoal. Essas pessoas confundem a luta do seu povo com a luta entre grupos, entre indivíduos, entre interesses pessoais

imediatos.

O verdadeiro nacionalista caboverdeano ou guineense, sabe que a luta de libertação do seu povo não se trava em Dakar ou em Conakry, mas sim dentro da sua terra, contra as forças colonialistas portuguesas e contra os seus agentes. Um verdadeiro nacionalista sabe que deve estudar concretamente a situação dos seus compatriotas e fazer o melhor para que cada um dê a contribuição que pode dar para a libertação do seu povo. Um verdadeiro nacionalista não cria problema em terras alheias, não arranja encargos que podem prejudicar a sua luta. Um verdadeiro nacionalista que ama o seu povo deve saber compreender as fraquezas e as forças dos seus patriotas e fazer tudo para que cada um melhore dia a dia a sua consciência nacionalista, o amor à sua terra e ao seu povo e decida servir a luta de libertação nacional. Claro que o verdadeiro nacionalista deve também saber ser severo para com os patriotas que cometem o crime de servir os interesses do inimigo contra os interesses do seu povo. Mas isso é dentro da sua terra, durante a luta ou depois dela, porque o verdadeiro nacionalista sabe que trabalha para o futuro e para o seu povo e não para ele, o que há sempre tempo para, sem criar problemas à luta, julgar amanhã os criminosos e aplicar-lhes o castigo que mereçam.

Um verdadeiro nacionalista deve, como acontece com os responsáveis e militantes do nosso Partido, pôr acima de tudo os interesses do seu povo e da luta, não hostilizar senão os inimigos e os seus servidores dentro da nossa terra, defender toda a possibilidade de paz e de entendimento entre os seus compatriotas, convencer os elementos indecisos ou hesitantes a dedicar-se, directa ou indirectamente, à luta de libertação do seu povo.

Porque o verdadeiro nacionalista sabe que precisa de todos e de cada um dos seus compatriotas e que a luta de libertação não se faz com palavras mas com trabalho sério, com actos feitos principalmente na sua própria terra, pelo seu próprio povo.

Porque o verdadeiro nacionalista sabe que tem o dever de garantir a vitória da luta, de defender a união de todas as forças nacionalistas no seu constante esforço para a conquista da independência nacional que lhe permitirá a realização das aspirações do seu povo à paz, ao progresso e à felicidade.

7 - PORQUE E QUE TODOS DEVEM TER ESPERANÇA E CERTEZA NO FUTURO

O nosso Partido está certo de que nenhum verdadeiro nacionalista, consciente das suas responsabilidades, cairá na asneira de hostilizar aqueles que até agora não tinham tido a coragem ou a oportunidade de manifestarem o seu nacionalismo. Pelo contrário, deve reforçar nessas pessoas o espirito nacionalista, e confiança no destino da sua terra e do seu povo.

O nosso Partido está certo de que nenhuma das pessoas que até agora não tinham tido a oportunidade ou a coragem de manifestarem o seu nacionalismo, tem razão para estar com preocupação ou receio. Pelo contrário, deve encarar de frente a situação com lucidez e realismo, e tomar uma decisão firme no caminho do reforço do amor ao seu povo e à sua terra, pondo esses sentimentos acima dos seus interesses pessoais imediatos. Deve, na medida do possível, dar o melhor apoio à luta de libertação nacional do seu povo. Aqueles que assim decidirem terão o nosso Partido ao seu lado e as fileiras da nossa organização à sua disposição.

Todos devem ter esperança e certeza no futuro, porque nenhuma força será capaz de parar a libertação total dos povos africanos. Porque a luta de libertação nacional do nosso povo está a desenvolver-se cada dia mais, e porque todos dispõem duma organização sólida, que já fez as suas provas, para servir a libertação completa do nosso povo. Porque o nosso Partido está firmemente decidido a reforçar a nossa luta, a lançar mão de todos os meios necessários para conquistar a independência de Cabo Verde, tal como está fazendo em relação à Guiné. Porque o nosso Partido entende que ninguém tem o exclusivo do nacionalismo nem o direito de privar os outros do sagrado dever de servir a libertação do seu povo.

Porque, afinal, com as vitórias já alcançadas na luta de libertação do nosso povo, nunca foi tão grande em nós todos a certeza de que poderemos, dentro de relativamente pouco tempo, realizar, na independência conquistada as aspirações do nosso povo à paz, ao progresso e à felicidade.

Viva a compreensão mútua e a solidariedade combativa de todos os que amam a nossa terra e o nosso povo!

Viva a luta de libertação nacional dos povos africanos!

Viva a unidade sólida do povo da Guiné e Cabo Verde!

Viva o P.A.I.G.C.

ABAIXO O COLONIALISMO PORTUGUES E OS SEUS LACAIOIS!

Pelo Secretariado Geral do P.A.I.G.C.

AMILCAR CABRAL
Secretário Geral

ARISTIDES PEREIRA
Membro do Bureau Político

